

## Nota Editorial

O pensamento científico é um conjunto de conhecimentos com certo grau de unidade, suscetível a levar a conclusões concordantes, que não são convenções arbitrárias, mas descobertas graduais que, em vez de se encerrar em fórmulas, devem estar abertas a uma constante ressignificação da realidade.

No mês em que a Fundação Joaquim Nabuco celebra 74 anos, relembramos a ideia de criar um espaço fundado em reflexões, voltadas para o pensamento social no Brasil, que foi a viga mestra para o lançamento da Revista Ciência & Trópico há 50 anos, à base de um compromisso que considera um pensamento que conduz a dimensões sociais que compreendem, para além dos aspectos factuais, a busca do prospectivo como um alicerce da intelectualidade brasileira. Aliada à pluralidade de um pensamento crítico, a Revista foi ampliando o sentido de cultura, em que o saber é condição necessária, mas não suficiente, por integrar, ao longo dos anos, traços criativos de uma civilização.

Os debates são embasados em pressupostos filosóficos, análises de novos critérios e de construção de espírito crítico, como definido por Kant, em que não se aceitam asserções sem interrogar sobre o conteúdo ou a origem das ideias.

Autores de diversas formações, ideologias e acepções acadêmicas reafirmaram o valor da diversidade e da tendência para disseminar um conhecimento plurivalente. Esta é, sem dúvida, uma marca da Revista Ciência & Trópico.

Celebrar meio século de um periódico científico da Fundação Joaquim Nabuco, o mais antigo da América Latina, e fundado pelo sociólogo Gilberto Freyre, é resgatar seu conceito de tempo trípico. Para além de Henri Bergson, que entendeu memória como conservação e acumulação do passado no presente, Freyre enfatizou o sentido essencial do futuro. Ao pensar na renovação de tantos debates que evidenciam recordações e relevância dos fatos registrados nas edições, temos que ressaltar a memória afetiva evidenciada pelos autores, que permeia a assimilação e a interpretação do pensamento crítico sedimentado.

Ao longo dos anos, conceitos, experiências e métodos vêm transformando arcabouços convencionais em representações da condição humana em um espaço definido pelos trópicos. Interpretar e recriar a realidade exige o longo processo de comparação, no qual, não raras vezes, o escritor não escolhe seus temas, mas é escolhido por eles.

Retomando as origens da Revista como espaço de diálogo nacional e internacional, foram realizadas parcerias com a Universidade de Salamanca, Universidade de Vanderbilt, Aliança Francesa, Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (Clacso), *Centred'Etudes Spatiales de la Biosphère* (CESBIO), Latin America Studies Association (LASA), com a Faculdade Latino-americana de Ciências Sociais (Flacso), entre outras instituições internacionais, que submeteram artigos para a apreciação da C&Trópico, a qual, na sequência, passou a contar com cerca de 350 pareceristas nacionais e internacionais. Em nível nacional, ressaltam-se as parcerias com Universidades Federais e estaduais de todo o país, além de instituições como a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e a Fundação Getúlio Vargas (FGV).

A C&Trópico passou a integrar redes de articulação de edições científicas, como a Associação Brasileira de Editoração Científica (ABEC) e a Associação Brasileira de Editoras Universitárias (ABEU), o que contribuiu para o reconhecimento da Revista pelos critérios de avaliação da Capes. Nesse período, alcançamos conformidade com indexadores reconhecidos como Latindex, Doaj, Diadorim, Periódicos, Sumários, Livre, entre outros.

Vale destacar que o atual Conselho Editorial conta com membros de instituições e universidades da América Latina, Europa e Estados Unidos, e que o vasto acervo da Fundação Joaquim Nabuco foi valorizado nas capas que compõem várias edições da Revista. Em 50 anos, a Revista obteve um avanço no universo de temáticas na complexa expressão de ideias de autores que revestiram os artigos à luz da inteligência crítica e contemporânea, desde a criação do Boletim do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais que antecedeu a Revista Ciência & Trópico.

Este número contempla diversas áreas do conhecimento, tais como políticas públicas urbanas, antropologia, literatura, sociologia comparada, música, inovação e investimentos e estudos da fauna associada à transmissão de doenças.

Consideramos, pois, que a natureza humana é dotada de certa impaciência relativa à ordem e à similitude – impaciência esta considerada legítima e corajosa, em se tratando da defesa contra um conformismo imposto ou a aceitação passiva do que é perpetuado sem crítica. Já afirmava Charles Renouvier que o estado da moralidade científica não parece avançado para fixar nomenclatura única convergente que torne as doutrinas mutuamente comunicáveis. Ele ressalta que “os termos mais importantes são de domínio público e cada um reivindica o seu benefício com o direito de lhe dar o seu ‘verdadeiro’ sentido, que outros estimarão falso”. E conclui afirmando: “ninguém está disposto a fazer os sacrifícios exigidos pela imparcialidade da linguagem”.

As bases do pensamento crítico científico da Ciência & Trópico nunca foram “monofocais”. Torna-se, pois, tentador atribuir às palavras o sentido que lhes fornecemos originalmente, talvez por engano ou conferidas mediante autoridade, sob o pretexto de sermos efetivamente livres para adotar as definições que queiramos.

A contribuição da Revista Ciência & Trópico como periódico semestral desde que substituiu o Boletim do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, pela Resolução 267 de outubro de 1972, tem sido multidisciplinar. Vale salientar que o

Projeto de nº 2.960 de 1961 da Câmara dos Deputados previu, em suas disposições gerais e transitórias, que o antigo Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais deveria contar com uma revista científica para publicações de pesquisadores de vários países.

Por fim, na qualidade de Editora-chefe da Revista, agradeço ao Conselho Editorial, aos articulistas, aos pareceristas, ao Editor assistente, Luis Henrique Lopes, à revisora, Solange Carvalho, à Editora Massangana, na pessoa de Antonio Laurentino, idealizador das capas, e a Albertina Lacerda Malta, do Centro de Estudos da História Brasileira Rodrigo Mello Franco de Andrade (Cehibra), que está sempre empenhada em divulgar o acervo da Fundação Joaquim Nabuco. Sem o esforço colaborativo da nossa instituição, não seria possível alcançar e manter excelência científica nas publicações.

*Alexandrina Saldanha Sobreira de Moura*

Editora-chefe

